

tico, abençoado pelo Mestre, lhe transfigurasse as mais recônditas fibras da conciencia. Seus olhos se enchiam de lágrimas, não por um orgulho ferido ou pela ingratidão que aquelas admoestações injustas revelavam, mas com profunda compaixão do espôso que não a compreendia e adivinhando a dolorosa tempestade que lhe fustigava o coração generoso, porém árbitrario, no plano de suas resoluções. Serena e silenciosa, não se justificou perante as severas reprimendas.

Foi quando, então, compreendendo que aquele atrito não deveria prosseguir, dirigiu-se o senador para a porta de saída do apartamento, abrindo-a com estrépito, a exclarar:

— Jamais fiz uma viagem tão penosa e tão infeliz! Genios malditos parecem presidir as minhas atividades na Palestina, porque se curei uma filha, perdí um filhinho no desconhecido, começo a perder a mulher no abismo das irreflexões e da incoerencia, e acabarei também perdendo-me para sempre.

Dizendo-o, bateu a porta com toda a fôrça dos seus movimentos instintivos, encaminhando-se ao gabinete, enquanto a espôsa, de coração genuflexo dirigia o pensamento para aquele Jesus carinhoso e terno, que viera ao mundo para salvar todos os pecadores. Lágrimas dolorosas fluiam-lhe dos olhos, fixos ainda na paisagem do lago de Genesaré, aonde parecia haver regressado em espírito, novamente. Lá estava o mestre, em atitudes doces de prece, cravando nas estrélas do céu os olhos fulgurantes.

Figurou-se-lhe que Jesus também lhe notara a presença naquela hora sombria da noite, porque desviara o olhar fúlgido do firmamento constelado e estendia-lhe os braços compassivos e misericordiosos, exclamando com infinita doçura:

— Filha, deixa que chorem os teus olhos as imperfeições da alma que o Nosso Pai destinou para gêmea da tua!... Não esperes dêste mundo mais que lágrimas e padecimentos, porque é na dor que os corações se lucificam para o céu... Um momento chegará em que te sentirás no ácume das aflições, mas não duvides da mi-

nha misericordia, porque no momento oportuno, quando todos te desprezarem, eu te chamarei ao meu reino de divinas esperanças, onde poderás aguardar teu espôso, no curso incessante dos séculos!...

Pareceu-lhe que o Mestre continuaria a embalar-lhe o coração com as suas suaves e carinhosas promessas de bem aventurença, mas um ruido qualquer a separara daquela visão de luz e de felicidade indefiníveis.

Quebrara-se o quadro da sua mentação espiritual, como se feito de tenuíssimas filigranas.

Todavia, a espôsa do senador comprehendeu que não fôra vítima de uma perturbação alucinatória e guardou, com amor no âmago do coração as doces palavras do Messias. E, enquanto despia os trajes galileus, afim de retomar o curso de suas obrigações domésticas, de alma limpida e consolada, parecia, ainda, lobrigar o vulto sereno e amado do Senhor, nas eminências verdejantes das margens do Tiberiades, através da neblina suave, que embaciava os seus olhos húmidos de pranto.

## VIII

### NO GRANDE DIA DO CALVÁRIO

Desde a sua altercação com a espôsa, fechara-se Publio Lentulus na mais penosa taciturnidade.

Dolorosas suspeitas lhe vergastavam o coração impulsivo, acerca-do procedimento daquela que o destino algemara ao seu espírito, para sempre, no instituto da vida conjugal. Não pudera comprehender o disfarce de que Lívia se utilizara para o encontro com o profeta de Nazaré, pois seu temperamento orgulhoso rebelava-se contra aquela atitude da mulher, considerando a sua posição social um penhor da veneração e do respeito de todos e dando guarida, assim, ás mais penosas desconfianças, intoxicado pelo veneno das calúnias de Fulvia e Sulpicio.

Algum tempo decorrera e, enquanto êle se enclaustrava no seu mutismo e na sua melancolia, Lívia abroquelava-se na fé, nas palavras carinhosas e persuasivas do Nazareno. Nunca mais voltara ela a Cafarnaum, com o fim de ouvir as consoladoras prédicas do Messias; mas, por intermedio de Ana, que lá comparecia pontualmente, procurou auxiliar, sempre que possível, os pobres que buscavam a palavra de Jesus, na medida dos seus recursos materiais. Profunda tristeza lhe invadia o coração sensivel e generoso, em observando as atitudes incompreensíveis do companheiro; mas, a verdade é que já não colocava as suas esperanças em qualquer realização do orbe terrestre, volvendo as suas mais ardentes aspirações para aquele reino de Deus, maravilhoso e sublime, onde tudo devia transpirar amor, ventura e paz, no seio farto de soberanas consolações celestes.

Aproxima-se a Páscoa do ano 33 e numerosos amigos de Publio haviam aconselhado a sua volta temporaria a Jerusalém, a fim de intensificar os serviços da procura do filhinho, no curso das festividades que concentravam, na época, as maiores multidões da Palestina, estabelecendo possibilidades mais amplas no reencontro do desaparecido. Peregrinos incontaveis, de todas as regiões da província dirigiam-se para Jerusalém, a participar dos grandes festejos, oferecendo, simultaneamente, os tributos de sua fé, no grande templo. A nobreza indígena tambem se fazia notar ali, em tais circunstancias, através de seus elementos mais representativos. Todos os partidos políticos se arregimentavam para os serviços extraordinarios das solenidades que reuniam as maiores massas do judaísmo, encaminhando-se para lá os homens mais importantes do tempo. As autoridades romanas, por sua vez, concentravam-se, igualmente, em Jerusalém, na mesma ocasião, reunindo-se na cidade quasi todos os centuriões e legionários, destacados a serviço do Império, nas paragens mais remotas da província.

Publio Lentulus não desdenhou o alvitre e antes que a cidade se enchesse de romeiros e exploradores, já ali se encontrava com a família, fornecendo instruções aos servos de confiança, conhecedores do pequenino

Marcus, de maneira a estabelecer um cordão de investigadores atentos e permanentes, enquanto perdurasse os festejos.

Em Jerusalém, o convencionalismo social não se modificara, notando-se apenas a circunstancia de Publio haver dispensado a residencia do tio Salvio, adquirindo uma vila confortavel e graciosa em plena rúa movimentada, de onde pudesse observar, igualmente, as manifestações populares.

As vésperas da Páscoa, chegaram com a volumosa preamar de peregrinos de todas as classes e de todas as localidades provinciais. Interessante observar-se, naqueles blocos heterogêneos de povo, os hábitos mais dispareos entre si.

Caravanas numerosas revelando os mais exquisitos costumes, penetravam as portas da cidade, patrulhadas por numerosos soldados pretorianos.

E, enquanto o senador fazia comparações de ordem económica, social e política, observando as massas de povo que afluiam ás ruas movimentadas, vamos encontrar Lívia em palestra íntima com a serva de sua amizade e confiança.

— Sabeis, senhora, que tambem o Messias chegou ontem a esta cidade? — exclamava Ana com um raio de alegria nos grandes olhos.

— Verdade? — perguntou Lívia surpresa.

— Sim, desde ontem, chegou Jesus a Jerusalém, saudado por grandes manifestações populares.

A ressurreição de Lázaro, na Betânia, confirmou as suas divinas virtudes de Filho de Deus, entre os homens mais deserentes desta cidade, e acabo de saber que sua chegada foi objéto de imensas alegrias da parte do povo. Todas as janelas se enfeitaram de flores para a sua passagem triunfal, as crianças espalharam palmas verdes e perfumadas no caminho, em homenagem a êle e aos seus discípulos!... Muita gente acompanhou o Mestre desde as margens do lago de Genesaré, seguindo-o até aqui, através de todas as localidades.

Quem me trouxe a noticia foi um conhecido pessoal, portador do tio Simeão, que tambem veiu a Jerusalém,

nessa grande caminhada, apesar da sua idade avançada...

— Ana, essa notícia é muito confortadora — disse-lhe a senhora com bondade — e se pudesse iria ouvir a palavra do Mestre, onde quer que fôsse; mas, bem sabes as dificuldades para a consecução dêste intento. Entretanto, ficas livre de tuas obrigações e trabalhos, durante a permanencia de Jesus em Jerusalém, de modo a bem aproveitares as festas da Páscoa, ouvindo, ao mesmo tempo, as prédicas do Messias, que tanto bem nos fazem ao coração.

E, entregando á criada o indispensavel auxílio pecuniario, observava que Ana partia satisfeita em demanda das cercanias do Monte das Oliveiras, onde estacionavam massas compactas de peregrinos, entre os quais se notava a presença do velho Simeão, de Samaria, rosto desassombrado que não trepidara, apesar da idade avançada, em aderir ao movimento das peregrinações pelos mais escabrosos e longos caminhos.

Em casa de Lentulus não havia tanto interesse pelas grandes festividades do judaísmo.

Um único motivo justificava a presença do senador em Jerusalém naqueles dias turbulentos, qual o da busca incessante do filho, que parecia perdido para sempre.

Diariamente, ouvia os servos de confiança, após as diligencias empreendidas e, de instante a instante, sentia-se mais acabrunhado por acerbas desilusões, considerando a sua luta inutil, naquelas pesquisas exaustivas e infrutíferas.

Na vivenda clara e ajardinada, as horas passavam vagarosas e tristes. Embalde se movimentavam as ruas, patrulhadas por soldados e cheias de criaturas de todos os matizes sociais. O vozerio das ruidosas manifestações populares transpunham aquelas portas quasi silenciosas, como écos apagados de rumores longínquos.

A penosa situação conjugal em que se colocara, separava o senador da mulher, como se estivessem irremediavelmente distantes um do outro, pelos laços sagrados do coração.

Foi a êsse retiro de calma aparente que Ana voltou, certa manhã, passados alguns dias, afim-de científicar a senhora da inesperada prisão do Messias.

Com a simplicidade espontânea e sincera da alma popular, que ela encarnava, a serva humilde historiou com os mais íntimos pormenores a cena provocada pela ingratidão de um dos discípulos, em virtude do despeito e da ambição dos sacerdotes e fariseus do templo da grande cidade israelita.

Amargamente compungida em face do acontecimento, Lívia considerou que, se fôsse noutro tempo, recorreria imediatamente á protecção política do marido, de modo a evitar ao profeta de Nazaré os ataques das ambições desmesuradas. Agora, porém, reconhecia não lhe ser possivel socorrer-se do prestígio do companheiro, em tais circunstâncias. Mesmo assim, procurou aproximar-se dele, por todos os modos, embora improficuamente. De uma sala contígua ao seu gabinete, notou que Publio atendia a numerosas pessoas que o procuravam particularmente, em atitude discreta; e o interessante é que, segundo as suas observações, todos expunham ao senador o mesmo assunto, isto é, a prisão inesperada de Jesus Nazareno — acontecimento que desviara todas as atenções das festividades da Páscoa, tal o interesse despertado pelos feitos do Mestre, em todos os espíritos. Alguns solicitavam a sua intervenção no processo do acusado; outros, da parte dos fariseus ligados aos sacerdotes do Sinhédrio, encareciam aos seus olhos o perigo das pregações de Jesus, apresentado por muitos como um revolucionario inconciente, contra os poderes politicos do Império.

Debalde esperou Lívia que o marido lhe concedesse dois minutos de atenção, no compartimento próximo do seu gabinete privado.

Sua ansiedade tocava o apogeu, quando lobrigou a figura de Sulpicio Tarquinius, que vinha da parte de Pilatos solicitar ao senador o obsequio da sua presença, imediatamente, no palacio do governo provincial, afim-de solucionar um caso de conciencia.

Publio Lentulus não se fez rogado.

Ponderando os seus deveres de homem de Estado, concluiu que deveria esquecer quaisquer prevenções da sua vida particular e privada, marchando ao encontro das obrigações que devia ao Império.

Lívia perdeu, então, toda a esperança de implorar-lhe auxílio para o Mestre, naquele dia. Sem saber por que, intensa amargura invadia-lhe o mundo íntimo. E foi com a alma envolta em sombras que elevou ao Pai Celestial as suas preces fervorosas e sinceras, por aquele que o seu coração considerava lícido emissário dos céus, suplicando a todas as fôrças do bem, livrassem o Filho de Deus da perseguição e da perfídia dos homens.

Chegando á corte provincial romana, naquele dia inesquecível de Jerusalém, Publio Lentulus foi tomado de extraordinaria surpresa.

Ondas compactas de povo se adensavam na praça extensa, em gritaria ensurdecedora.

Pilatos recebeu-o com deferencia e solicitude, conduzindo-o a um gabinete amplo, onde se reunia pequeno número de patrícios, escolhidos a dedo em Jerusalém. O pretor Salvio, funcionários de destaque, militares graduados e alguns poucos romanos civis, de nomeada, que passavam eventualmente pela cidade, ali se aglomeravam, convocados pelo governador, que se dirigiu a Publio Lentulus, nestes termos:

— Senador, eu não sei se tivestes ensejo de conhecer, na Galiléia, um homem extraordinário que o povo se habituou a chamar Jesus Nazareno. Esse homem foi agora preso, em virtude da condenação dos sacerdotes do Sinhédrio, e a massa popular que o havia recebido, nesta cidade, com palmas e flores, pede agora, nesta praça o seu imediato julgamento por parte das autoridades provinciais, em confirmação da sentença proferida pelos padres de Jerusalém.

“Eu, francamente, não lhe vejo culpa alguma, senão a de um ardente visionário de cousas que não posso ou não sei compreender, surpreendendo-me amargamente o seu penoso estado de pobreza.”

Neste cômenos, penetraram na sala as duas irmãs, Claudia e Fulvia, que tomaram assento nesse conselho íntimo de patrícios.

— Ainda esta noite — continuou Pilatos apontando para a espôsa — parece que os augurios dos deuses se manifestaram para a minha orientação, pois Claudia sonhou que uma voz lhe recomendava que eu não deveria arriscar minha responsabilidade no julgamento dêsse homem justo.

“Resvolvi, portanto, agir em conciencia, aqui reunindo todos os patrícios e romanos notaveis de Jerusalém, para examinarmos o assunto, de modo que o meu ato não prejudique os interesses do Império, nem colida com o meu ideal de justiça.

“Que dizeis, pois, dos meus escrúpulos, na qualidade de representante direto do Senado e do Imperador, entre nós, neste momento?”

— Vossa atitude — respondeu o senador, compenetrado de suas responsabilidades — revela o maximo critério nas questões administrativas.

E, recordando, no íntimo, os bens que havia recebido do profeta com a cura da filhinha, embora as dúvidas levantadas pelo raciocínio da sua vaidade orgulhosa, continuou:

— Conheci, de perto, o profeta de Nazaré, em Capharnaum, onde ninguem o tinha na conta de um conspirador ou revolucionario. Suas ações, ali, eram as de um homem superior, caridoso e justo, e jamis tive conhecimento de que sua palavra se erguesse contra qualquer instituto social ou político do Império. Certamente, alguém o toma aqui como pretendente á autoridade política da Judéia, cevando-se no seu nome as ambições e despeitos dos sacerdotes do templo. Mas, já que guardais no coração os melhores escrúpulos, por que não enviais o prisioneiro ao julgamento de Antipas, a quem, com mais propriedade deve interessar a solução de semelhante assunto? Representando, nestes dias, o governo da Galiléia aqui em Jerusalém, acho que ninguem, melhor que Herodes, pode resolver em sã conciencia um caso como este, considerando-se a circunstancia de que

julgará um compatrio seu, já que não vos julgais de posse de todos os elementos para proferir uma sentença definitiva nesse processo insolito.

A idéia foi unanimemente aceita, sendo o acusado conduzido á presença de Herodes Antipas, por alguns centuriões e obedecendo-se, rigorosamente, as determinações de Pilatos nesse sentido.

Todavia, no palacio do tetrarca da Galiléia, foi Jesus de Nazaré recebido com profundo sarcasmo.

Apelidado pela gente simples como "Rei dos Judeus" e simbolizando a esperança de certas reivindicações politicas para numerosas de seus seguidores, entre os quais se incluia o famoso discípulo de Kerioth, o mestre de Nazaré foi tratado pelo príncipe de Tiberiade, como um vulgar conspirador, humilhado e vencido.

Antipas, porém, para fazer sentir ao procurador da Judeia a conta de ridículo em que tomava os seus escrúpulos, mandou que se tratasse o prisioneiro com o maximo de ironia.

Vestiu-lhe uma túnica alva, igual á indumentária dos príncipes do tempo, colocando-lhe nos braços uma cana imunda á guisa de cetro e corôou-lhe a fronte abatida com uma auréola de venenosos espinhos, devolvendo-o á sanção de Pilatos, no turbilhão de gritarias da populaça exacerbada.

Muitos soldados romanos cercavam o acusado, protegendo-o das investidas da massa furiosa e inconciente.

Jesus, trajando, por irrisão, a túnica da realeza, coroado de espinhos e empunhando uma cana como símbolo do seu reinado no mundo, deixava transparecer nos olhos profundos uma indefinível melancolia.

Cientificado de que o prisioneiro era devolvido por Antipas ao seu julgamento, o governador dirigiu-se novamente aos seus conterraneos, exclamando:

— Meus amigos, não obstante nossos esforços, Herodes apela tambem para nós outros, afim-de se confirmar a peça condenatória do profeta nazareno, recambiando-o com a sua situação penosamente agravada perante o povo, porquanto, como suprema autoridade em Tiberiade, tratou o prisioneiro com revoltante sar-

casmo, dando-nos a entender o desprêzo com que supõe deva êle ser condenado pela nossa autoridade judiciaria e administrativa.

“Tão amarga situação contrista-me bastante, porque o coração me diz que êsse homem é um justo; mas, que fazermos em semelhante conjuntura?”

Da câmara isolada, onde se reunia o apressado e reduzido conselho de patrícios, podiam observar-se os céos rumorosos da turba amotinada, em espantosa gritaria.

Um ajudante de ordens do governador, de nome Polibius, homem sensato e honesto, penetrou no recinto, pálido e quasi trêmulio, dirigindo-se a Pilatos:

— Senhor Governador, a multidão enfurecida ameaça invadir a casa, se não confirmardes a sentença condenatória de Jesus Nazareno, dentro do menor prazo possível...

— Mas, isso é um absurdo, retrucou Pilatos emocionado. E, afinal, que diz o profeta, em tais circunstâncias? Sofre tudo sem uma palavra de recriminação e sem um apelo oficial aos tribunais da justiça?

— Senhor — replicou Polibius, igualmente impressionado — o prisioneiro é extraordinario na serenidade e na resignação. Deixa-se conduzir pelos algozes, com a docilidade de um cordeiro e nada reclama, nem mesmo o supremo abandono em que o deixaram quasi todos os diletos discípulos da sua doutrina!

“Comovido com os seus padecimentos, fui falar-lhe pessoalmente e, inquirindo-o sobre os seus martirios, afirmou-me que poderia invocar as legiões de seus anjos e pulverizar toda Jerusalém dentro de um minuto, mas que isso não estava nos designios divinos e sim a sua humilhação infamante, para que se cumprissem aqui as determinações das escrituras. Fiz-lhe ver, então, que poderia recorrer á vossa magnanimidade, afim-de se ordenar um processo dentro de nossos dispositivos judiciarios, de maneira a comprovar a sua inocencia e, todavia, reeuou semelhante recurso, alegando que prescinde de toda proteção politica dos homens, para confiar tão

sómente numa justiça que diz ser a de seu Pai que está nos céus!"

— Homem extraordinário!... — revidou Pilatos, enquanto os presentes o acompanhavam estupefatos.

— Polibius — continuou ele — que poderíamos fazer para evitar-lhe a morte nefanda, nas mãos criminosas da massa inconsciente?

— Senhor, em vista da necessidade de uma resolução rápida, sugiro a pena dos açoites na praça pública, por ver se assim conseguimos amainar as iras populares, evitando ao prisioneiro a morte ignominiosa nas mãos de celerados sem consciência...

— Mas, os açoites!? — diz Publio Lentulus admirado, antevedendo as torturas do horrível suplício.

— Sim, meu amigo — redarguiu o governador, dirigindo-lhe a palavra com atenção respeitosa — a idéia de Polibius é bem lembrada. Para evitarmos ao acusado a morte ignominiosa, temos de lançar mão d'este recurso. Vivendo na Judéia há quasi sete anos, conheço este povo e sei de suas temíveis atitudes, quando as suas paixões desencadeiam.

O suplício foi, então, determinado, no pressuposto de evitar maiores males.

Diante de todos, foi Jesus açoitado, de maneira impiedosa, aos berros estridentes da multidão amotinada.

Nesse instante doloroso, Publio e alguns romanos ausentaram-se por momentos da camara privada onde se reuniam, afim de observarem os movimentos intuitivos da massa fanática e ignorante. Não parecia que os peregrinos de Jerusalém haviam acorrido á cidade para as comemorações alegres da Páscoa, mas, tão sómente, para procederem á condenação do humilde Messias de Nazaré. De quanto em quando, fazia-se mistério o concurso decidido de centuriões desassombrados, que dispersavam certos grupos mais exaltados, a golpes de chanfalho.

O senador fez questão de aproximar-se do supliciado, nas suas provações dolorosas e extremas.

Aquele rosto enérgico e meigo, em que os seus olhos haviam divisado uma auréola de luz suave e misericordiosa, nas margens de Tiberiades, estava agora banhado

de um suor sangrento a manar-lhe da fronte dilacerada pelos espinhos perfurantes, misturando-se de lágrimas dolorosas; seus delicados traços fisionômicos pareciam invadidos de palidez angustiada e indescriável; os cabelos caíam-lhe com a mesma disposição encantadora sobre os ombros semi-nus e, todavia, estavam agora desalinhados pela imposição da coroa ignominiosa; o corpo vacilava, trêmulo, a cada vergastada mais forte, mas o olhar profundo saturava-se da mesma beleza inexprimível e misteriosa, revelando amargurada e indefinível melancolia.

Por um momento, seus olhos encontraram os do senador, que baixou a fronte, tocado pela imorredoura impressão daquela sobrehumana majestade.

Publio Lentulus voltou intimamente compungido ao interior do palacio, onde, daí a poucos minutos, retornava Polibius, cientificando ao governador de que a pena do açoite não havia saciado, infelizmente, as iras da populaça enfurecida, que reclamava a crucificação do condenado.

Penosamente surpreendido, exclamou o senador, dirigindo-se a Pilatos, com intimidade:

— Não tendes, porventura, algum prisioneiro com processo consumado, que possa substituir o profeta em tão horrorosas penas? As massas possuem uma alma caprichosa e versatil e é bem possível que a de hoje se satisfaça com a crucificação de algum criminoso, em lugar dêsse homem que pode ser um mago ou visionário, mas é um coração caridoso e justo.

O governador da Judéia concentrou-se por momentos, recorrendo á memoria, com o fim de encontrar a desejada solução.

Lembrou-se então de Barrabás, personalidade temível, que se encontrava no cárcere aguardando a última pena, conhecido e odiado de todos pelo seu comprovado espírito de perversidade, respondendo afinal:

— Muito bem!... Temos aqui um celerado, no cárcere, para alívio de todos e que poderia, com efeito, substituir o profeta na morte infamante!...

E mandando fazer o possível silêncio de uma das eminentes do edifício ordenou que o povo escolhesse entre o bandido e Jesus.

Mas, com grande surpresa para todos os presentes, a multidão bradava com sinistro alarido, numa torrente de impropérios:

— Jesus!... Jesus!... Absolvemos Barrabás!... Condenamos a Jesus!... Crucificai-o!... Crucificai-o!...

Todos os romanos se aproximaram das janelas, observando a inconsciência da massa criminosa, no ímpeto de seus instintos desencadeados.

— Que fazer, diante de tal quadro? — perguntou Pilatos emocionado, ao senador que o ouvia atentamente.

— Meu amigo — respondeu Publio com energia — se a decisão dependesse tão sómente de mim, fundamentei-la-ia em nossos códigos judiciaários, cuja evolução não comporta mais uma condenação tão sumária como esta, e mandava dispersar a multidão inconsciente á pata de cavalo; mas, considero que as minhas atribuições transitórias, junto ao vosso governo, não me outorgam direito a tais desmandos e, além disso, tendes aqui uma experiência de sete anos consecutivos.

“De minha parte, suponho que tudo foi feito para que as decisões não fôssem precipitadas.

“Antes de tudo, o prisioneiro foi enviado ao julgamento de Antipas, que complicou a situação, diante da populaça irresponsável, dentro das suas infelizes nogaes na tarefa de um governo, deixando-vos a responsabilidade da última palavra sobre o assunto; em seguida, determinastes o suplício do açoite para satisfazer ao povo amotinado, e agora, acabais de apresentar um outro criminoso para a crucificação, em lugar do acusado. Tudo, inutilmente.

“Como homem, estou contra este povo inconsciente e infeliz e tudo faria por salvar o inocente; mas, como romano, acho que uma província, como esta, não passa de uma unidade econômica do Império, não nos competindo a nós outros o direito de interferir nos seus grandes problemas morais, presumindo, desse modo, que

a responsabilidade desta morte nefanda deve caber agora, exclusivamente, a esta turba ignorante e desesperada, e aos sacerdotes ambiciosos e egoistas que a dirigem.”

Pilatos enterrou a fronte nas mãos, como a refletir maduramente naquelas ponderações; mas, antes que pudesse externar a sua opinião, eis que Políbius aparece aflito, exclamando em atitude discreta:

— Senhor governador, é preciso apressar a vossa decisão. Espíritos maldizentes começam a duvidar da vossa fidelidade aos poderes de Cesar, compelidos pela intriga dos padres do templo, colocando a vossa dignidade num terreno equívoco para todos... Além disso, a populaça tenta invadir a casa, tornando-se necessário assumirdes uma atitude decisiva, sem perda de um minuto.

Pilatos ficou rubro de cólera, diante de semelhantes injunções, exclamando irritado, como se estivesse sob o jugo do mais singular dos determinismos:

— Está bem! Lavarei as mãos dêste ignominioso delito! O povo de Jerusalém será satisfeito...

E, procedendo a êsse ato que o celebrizaria para sempre, dirigiu algumas palavras ao condenado, mandando, em seguida, recolhê-lo a uma cela, onde pudesse permanecer por alguns minutos, sem as grosseiras investidas da turba impetuosa, antes que a multidão o conduzisse ao Gólgota, que na linguagem usual deverá ser traduzido por Lugar da Caveira.

Um sol abrasador tornava sufocante e insuportável a atmosfera.

Saciada, afinal, a fúria da multidão nos seus desvairamentos infelizes, numerosos soldados seguiram o prisioneiro, que demandava o monte da crucificação, a passos vacilantes sob o madeiro da ignomínia, que a justiça da época destinava aos bandidos e aos ladrões.

Até o momento de sua saída, sob a cruz, ninguém se interessara por êle, junto á autoridade do governador da Judéia.

Depreendia daí o senador que, quantos seguiam o Mestre de Nazaré, nas margens do lago, em Cafarnaum, o haviam abandonado inteiramente.

De uma das janelas do palacio, considerou, penalizado, o desprêzo infligido áquele homem que, um dia, o dominara com a fôrça magnetica da sua personalidade incompreensivel, observando a ondulação da turba enfurecida, ao sair o inesquecivel cortejo.

Ao lado do Mestre, não se via mais a carinhosa assistencia dos discípulos e seus numerosos seguidores. Apenas algumas mulheres — entre as quais se destacava o vulto impressionante e agoniado de sua mãe — o amparavam afetuosamente, no doloroso e derradeiro caminho.

Aos poucos, a praça extensa aquietou-se ao calor sufocante da tarde que se avizinhava.

A distancia, ouvia-se ainda o vozeiro da plebe, aliado ao relinchar dos cavalos e ao tinir das armaduras.

Impressionados com o espetáculo que, aliás, não era incomum na Palestina, reuniram-se os romanos em uma das salas amplas do palacio governamental, em animada palestra, versando os instintos e paixões ferozes da plebe enfurecida.

Daí a minutos, Claudia mandava servir doces, vinhos e frutas e, enquanto a conversação timbrava os problemas da província e as intrigas da corte de Tiberio, mal imaginava aquele punhado de criaturas que, na cruz grosseira e humilde do Gólgota ia acender-se uma gloriosa luz para todos os séculos terrestres.

## IX

### A CALÚNIA VITORIOSA

Se Jesus de Nazaré havia sido abandonado por seus discípulos e seguidores mais diretos, o mesmo não se verificara, quanto ao grande número de criaturas humildes que o acompanhavam, com devação purificada e sincera.

E' verdade que essas almas, raras, não revelaram francamente as suas simpatias perante a turba desvai-

rada, temendo-lhe as sanhas destruidoras, mas, muitos espíritos piedosos, como Ana e Simeão, contemplaram de perto os martirios do Senhor sob o açoite infamante, cheios de lágrimas angustiosas e esperando que, a cada momento, se pudesse manifestar a justiça de Deus contra a perversidade dos homens, a favor do Messias.

Contudo, esvaeceram-se-lhes as derradeiras esperanças, quando, sob o peso da cruz, o supliciado caminhava a passos cambaleantes, para o monte da última injúria, depois de confirmada a ignobil sentença.

Foi assim que Ana e seu tio, reconhecendo inevitável o martirio da crucificação, deliberaram seguir para a residencia de Publio, para suplicar o patrocínio de Lívia, junto ao governador.

Enquanto o cortejo sinistro e impressionante se punha em marcha nos seus movimentos vagarosos, ambos desviaram-se da massa, encaminhando-se por uma viela ensolarada, em busca do almejado socorro.

Penetrando na residencia, enquanto Simeão a esperava, pacientemente, numa calçada próxima, dirigiu-se Ana á espôsa do senador, que a recebeu surpresa e desolada.

— Senhora — diz, mal ocultando as lágrimas — o profeta de Nazaré já está a caminho da morte ignominiosa na cruz, entre os ladrões!...

Uma emoção mais forte embargara-lhe a voz, sufocada de pranto.

— Como? — respondeu Lívia, penosamente surpreendida — se a prisão data de tão poucas horas?

— Mas é a verdade... — revidou a serva compungida. E, em nome daqueles mesmos sofredores que vistes consolados pela sua palavra carinhosa e amiga, junto ás aguas do Tiberiades, eu e meu tio Simeão vimos implorar o vosso auxílio pessoal junto ao governador, afim-de fazermos um esforço derradeiro pelo Messias!...

— Mas, uma condenação como essa, sem estudo, sem exame, é lá possivel? Vive, então, aqui, este povo sem outra lei que não a da barbaria? — exclamou a senhora, visivelmente revoltada, com inopinada notícia.